

Lá vem o bloco da militância de novo!

Cristine Gentil.

Da equipe do **Correio**

Companheiros e companheiras, a luta continua. Três anos depois de sair às ruas para coroar um rei petista no Palácio do Buriti, 13.478 filiados ao Partido dos Trabalhadores serão convocados a levantar novamente as bandeiras vermelhas, grudar estrelinhas nas camisas e soltar todos os gritos de guerra presos na garganta.

A campanha política à sucessão do governador Cristovam Buarque deve ganhar as ruas ainda este ano. E até lá a nova direção do PT, eleita há duas semanas, tem um desafio: fazer seus súditos entoarem o mesmo coro. Só assim, em uníssono, a voz petista poderá atingir os ouvidos da população brasileira.

Mas como afinar um coro com timbres de voz tão diferentes? De um lado, uma militância meio classe média, simpatizante da Bolsa-Escola, do BRB Trabalho e da Agroindústria Familiar. Do outro, um PT maior, com raízes sindicais, que não tolera o discurso camaráda de Cristovam em relação ao "governo neo-liberal e burguês de FHC". E no meio do caminho, um bocado de tendências mais ou menos radicais.

Com a batuta da presidência do PT na mão, o deputado Chico Vigilante promete ser um maestro. "Vamos ter que ter a capacidade de mostrar para o militante que o PT tem uma política global com mui-

tos desafios. Queremos dar continuidade ao Governo Popular e Democrático e reeleger Cristovam", anima-se. "Quero mostrar para nossos companheiros sindicalistas que algo mudou. Mostrar que não basta criticar".

Para tentar aproximar Cristovam da "base", Chico anunciou que pretende promover nova rodada de visitas do governador, ainda neste semestre, a todas as administrações regionais. "A nossa força é nas satélites. E é lá que se definem as eleições. Temos que fortalecer o PT, torná-lo um partido forte, ágil, que não dialogue apenas com classe média do Plano Piloto".

De cátedra, a ex-presidente do PT e atual vice-deputada Maria Laura, anuncia que a tarefa não é nada fácil. "Existem dificuldades objetivas de relacionamento do governo com o movimento sindical", avisa.

RADICALISMO SINDICAL

Os dirigentes sindicais sabem fazer barulho. Do alto de um carro de som, a *falação* deles soa muito mais familiar para os trabalhadores que não recebem aumento de salário há mais de dois anos do que o discurso *popular e democrático* falando de bons projetos. Exatamente por isso, o governador vai se preocupar também em mostrar serviço — leia-se as obras, eleitas ou não pelo Orçamento Participativo.

A professora aposentada Lúcia Ivaiov, que participou da fundação

do PT e fincou suas bases no movimento sindical, pondera: "Ter uma relação conflituosa com o governo é normal. Temos que colocar as reivindicações da categoria. Mas também é papel dos dirigentes sindicais informar todos os pontos de vista. Não somos guias de cegos".

Por esse pensamento e por seu posicionamento durante a última greve dos professores, em que defendeu o fim do movimento, Lúcia acabou sendo defenestrada da diretoria numa assembléia que está sendo questionada na justiça. Prova do radicalismo que impera dentro das organizações sindicais.

"Sindicatos são mesmo corporativistas e têm o poder de mobilização. Mas eles têm que bater panela também na porta do Palácio do Planalto porque Cristovam também é refém da caneta de FHC, que não tem dinheiro para reajustar salários, mas pode ajudar banqueiros", diz o petista de carteirinha Robson Silva, da zonal do Cruzeiro, encarando o eterno jeito petista de ser.

As vezes tão iguais, outras tão diferentes, os militantes petistas, que destinam todos os meses 1% de seus salários ao partido, falam a mesma língua pelo menos em um momento. "Se o Cristovam for o candidato natural, ninguém vai ser contra. Não apoiar a reeleição dele seria mostrar para a população que o governo petista fracassou", resume Veridiano Custódio de Brito, 38 anos, presidente do PT da Ceilândia.